

O B O N D E

(Registrado Sob o nº. 926 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

« A RAZÃO ACABARÁ POR TER RAZÃO »

ÓRGÃO ORIENTADO E DIRIGIDO PELOS ALUNOS DA ESAV.

Diretor: Albert W. Fraisse — Redator-Chefe: Fernando A. Sampaio — Gerente: Manoel H. Campos

Ano V

Viçosa, 22 de Abril de 1950

Nº. 88

DUAS TRAGÉDIAS

Testamento de Judas

Nestes dias que passaram, ocorreu uma tragédia que abalou toda a nação. Refiro-me ao desastre ferroviário dado com o noturno da Leopoldina, em que pareceram dezenas de pessoas. Naqueles dias infaustos o Brasil se enlutou.

Os brasileiros volveram suas vistas para aquele acontecimento funesto e choraram de emoção, pois tamanha era a desgraça, que a dor atingira a todos.

Momentos épicos: todos queriam prestar auxílio; todos faziam preces; a união se fez de norte a sul, de leste a oeste e a nação se levantou do torpor em que se encontrava, devido aos brados de todos os brasileiros, que enternecidos, queriam numa demonstração patética, própria de nossa índole, fazer sentir aos atingidos pela tragédia, a sua consternação e a sua solidariedade.

Se de início era imenso o desastre, logo se suavizou, pois, as famílias diretamente atingidas, tiveram suas dores minoradas, devido ao carinho com que eram tratados pelo povo em geral.

Entretanto, lamentavelmente, outra tragédia desenrolava-se paralelamente á narrada, e infelizmente, por inepcia ou desmazelo, não se conseguiu até o momento, tornar menos acre o grau deste outro desastre.

Refiro-me, agora, ao marasmo moral e político em que nos vemos mergulhados.

Debateremo-nos atualmente no magno problema da sucessão presidencial. Os partidos «centristas» reúnem-se diariamente em mesas redondas, procurando por conchavos partidários impor aos eleitores, um nome obscuro, que não reúne em si as qualidades necessárias para se colocar no mais alto cargo público da nação; mas, traz dentro de si, o germen da discórdia e o espírito feudal.

Nesse interim, a nação debate-se numa de suas maiores crises econômicas: as nossas reservas de ouro diluem-se rapidamente; a emissão de papel-moeda continua sem limites; os níveis de vida sobem assustadoramente e o nosso comércio e nossa indústria começam a sentir o colapso econômico que se aproxima.

Entretanto, são tão inescrupulosos os políticos responsáveis por este mal estar em que nos encontramos, que é difícil para os mesmos, encontrarem um candidato que reúna em si todas as imperfeições necessárias para, individualmente, poder satisfazer-los.

Felizmente, graças a experiência política adquirida pela massa operária, que constitui o maior núcleo eleitoral no Brasil, torna-se inócua todos os urgentes esforços destes pseudo democratas, no lançamento de um candidato da co-paz e cozinha.

(Conclue na 4ª. página)

Eu, Judas Scariote, amigo inseparável e companheiro de infância do Pacini, ex-gostoso da Terra, marretado injustamente por invejas, com escritório estabelecido atrás do Cemitério para consolar as viúvas, que nunca fui manteiga mas sou muito procurado, que nunca foi baton mas ando de bôca em bôca, que nunca fui guindaste mas sustento muita gente, que não sendo asfalto molhado tenho feito muita Bôa derrapar, quero morrer.

Prefiro a morte às cruciantes dores que tenho passado desde o dia em que ingressei na ESAV.

Sabem vocês o que é ter uma aula com o Dorofeff? Mesmíssimamente com o Walter Brune, o nosso Ti-Til-Metil?

Aguentar a agressividade do Quicuiu e a pressão osmótica do Paulo Alvim?

Tomar mingau de D. Germana sem ter azia?

Ver desaparecer o mel de abelha do refeitório, e mastigar a carne nervosa nele servida?

Por isso tudo quero morrer. E agora, nada mais tenho a dizer, quero repartir entre os meus fieis amigos, o meu vasto cabedal:

Ao Dr. Secundino um encontro com o Espirito Esaviano.

Ao Santana uma bolsa de estudos para aprender a interpretar regulamentos.

Ao Dorofeff uma aula de Mineralogia de sua autoria e apenas passagem de ida para a Siberia.

Ao Mauricio o Brotinho da Zelma.

- Ao Memória um passeio com os que devem matemática.
- Ao Mantovani uma sala sem quadro negro.
- Ao Quincas Campos uma silagem de alta palatabilidade.
- Ao Otto uma Astaca na Astrada da Ascola perto da Astufa.
- Ao Ribeiro um uniforme de Caxias.
- Ao Anibal, justamente, uma pedra para amolar o bisturi.
- Ao Brune a regra de nomenclatura de Genebra.
- Ao Zizinho de Alencar a Diretoria da Escola.
- Ao Paccini, velho amigo de infortunio, deixa uma caixa de ampolas com soro rejuvenescedor, um cheque de Cr\$5.000,00 para pagar as suas dívidas e financiar a sua cultura de cebolas, uma ação da Cia. Souza Cruz, e um volume do livro «Como Fazer amigos e influenciar pessoas»
- Ao Perereca, o Brotinho, um vidro de Emagrina, já que o Charles Atlas não surte efeito.
- Ao Couceiro um bisturi marca Bandeira, e uma apólice de Seguro de Vida
- Ao Tavares o meu bangalô em Viçosa.
- Ao Flamarion a minha Publicação «A ganância é mãe de todos os vícios».
- Ao Surubim «O Bonde».
- Ao Tambiú a minha obra «Como aprender sem decorar».
- Ao Kokai um conselho: Pare com Charles Atlas ou irá para Barbacena.
- Ao Bahiano BB. a minha dentadura anatômica.
- Ao Rondon, um engradado de Chica Bôa.
- Ao Durão, a fórmula de Prof. Marcondes «Como obter bôa Batida».
- Ao Araujo, um Disco Voador.
- Ao Prancha, uma nova cultura de tomates.
- À Liene, com saudades, a música «Chiquita Bacana».
- Ao Holzmaister, um curso de floricultura moderna.
- Ao Calumby, uma caixinha de champanhe, para beber com as bronzeadas.
- Ao Ladinho, um serrote para os chifres de alguém.
- Ao Ratinho, 3 cigarros Colomy,
- Ao Terceiro Ano, os meus Trinta Dinheiros para a Grande Excursão.
- Ao Pé na Chuva um melhor time de Volley.
- Ao Pirua um livre acesso ao Pomar.
- Ao Fogoió uns cachorrinhos bul-dog.
- Ao Grapete as saudades da Amelia.
- Ao Favela o celeiro da ESAV para suprir a sua mesa e torres de tortas.
- Ao Vargulino Um milhão de mulheres para curar sua paixão.
- Ao Maná salão de beleza e penteados.
- Ao Abundância uma garota presente do Bijeto.
- Ao Esgoto uma tiradeira para quebrar as lampadas da Avenida.
- Ao Pagão um relógio Mido.
- Ao Coquete um alambique e um violão.
- Ao Estácio um conselho de Julio Lousada.
- Ao Tidú as sobras do refeitório e uma cultura de abacaxi.
- Ao Clibas um lugar no Departamento de Biologia e um pouco de goiabada.
- Ao Lolota minha capacidade e o elixir do crescimento.
- Ao Quarto Ano o livro «Como jogar foot-ball».
- Ao Segundo Ano um bolo que não dê bolo.
- Ao Mané os filhotes da Zazá.
- Ao Enxurrada a evolução da ciência.
- Ao Hawaiana a linha da Leopoldina e uma noite escura.
- Ao Nerí um anel de noivado.
- Ao Condurú a visita da cegonha e uma mamadeira.
- Ao Brederodes uma torta de abacaxi, com zm bilhete «yo te quiero».
- Ao Bamberg um amperímetro.
- Ao Biriba uma ciroulinha e um anel de Esmeralda.
- Ao Distinto uma quadra de tennis cheia de Machadinhas.
- Ao Quequetinho o Brotinho da Sta. Rita.
- Ao Suçú um engradado de cachaça.
- Ao Valliatti o meu par de meias.
- Ao Do-ré-mi o posto de general da banda.
- Ao Miquimba Bacana uma conversinha com a Caloura.
- Ao Páu Canta uma Balzaquiana
- Ao Pipoca uma outra máscara.
- Ao Lino bolas de basket e ping-pong.
- Ao Iurú uma namorada que pareça com uma bola.
- Ao Rolf um lugar no quadro de Voley (ultima divisão).
- Ao Dike uma garrafa de Cocoty, uma Necroton e um jornal perto da cama.
- Ao Jurupoca uma taboada, uma algebra elementar e que «te vaya bien».
- Ao Mário Dutra, Mariquinha e Maricota.
- Ao Bar Astória, higiene, higiene e higiene.
- Ao Rubim mais alunos quebrados.
- Ao Diretório um organizador para a séde.
- Ao gostosão do Cupertino, o regime de hora certa.
- Aos choferes de praça, um abraço do Cupertino.
- Ao Departamento de Engenharia da Escola, um técnico em pavimentação de estradas.
- Ao Jazz do Salgado, músicas novas.
- À piscina da Escola e ao prédio de química, Um descanso em paz.
- À Maria, uma semana de férias renumeradas.
- Agora, é chegado o meu momento.
- Com os 2 quilos de bombas que a Maria Gorda me fez engulir, eu me explodirei de raiva e para isso basta apenas que me cutuquem por baixo com um páu de fósforo acêso.
- Queimarei à ação das chamas e espalharei pelo mundo afora as minhas cinzas, que levadas pelo vento, mostrarão aos povos o sabor de uma Traição.

NOTA DA REDAÇÃO

Com finalidade de normalizar a nossa numeração, repetimos o n. 88.

Isto porque tendo sido saltado o n. 71 e 72, já foi então repetido o n. 79, e agora o n. 88, ficando pois a numeração em ordem.

A Boêmia

Quatro atos.

Música de Puccini — Letra de Giacosa e Illica.

Estreado no Teatro Real, de Turim, em 1º de Fevereiro 1896

Lugar de ação — Paris — Época — 1830.

O argumento é uma adaptação de uma parte de «La vie de Bohême, de Henri de Murger, que como é sabido, é uma serie de quadros do bairro latino de Paris.

Quatro artistas pobres, um poeta, um pintor, um músico e um filosofo, Rodolfo, Marcelo, Schaunard e Colline, vivem em um sotão daquele bairro. Não podem trabalhar de frio, e não podem livrar-se deste pois não têm combustivel nem dinheiro para compra-lo.

Decidem queimar o manuscrito do último drama de Rodolfo. Não há traço mais enérgico para pintar os caracteres e o ambiente.

Num momento em que o poeta está só, chega uma linda vizinha, pedindo lume para sua vela. Rodolfo e ela se apaixonam de maneira fulminante. A moça, Mimi, consente em ir comer no café Mamus, com o poeta e seus amigos. Temos um incidente na entrada do café. Mistura-se no argumento, o amor de Musseta e Marcelo, o pintor.

Rodolfo é exageradamente ciioso e atormenta a Mimi. — Ela decide partir. — Para despedir-se, vai busca-lo numa das portas de Paris, onde, em uma pousada está Rodolfo. Prontamente se reconciliam com as tristezas da despedida e as recordações dos bons tempos passados.

Mimi tosse de maneira típica e persistente.

Musseta e Marcelo rompem suas relações.

Novamente estão os amigos no seu frio e triste sotão; agora mais triste pela ausencia do amor. Mimi e Musseta foram-se há muito, e não se tem mais noticias delas. «Ah, Mimi, tu piú non torni!...»

Quando comecem a alegrar-se por terem encontrado com o que ceiar, chega Musseta e diz-lhes que Mimi, enferma e abandonada, vem para alí morrer. Mimi entra, e a

estendem na cama de Rodolfo. Marcelo sai à procura de um médico e Colline a empenhar sua «Vecchia Zimarra».

Tudo inutilmente, Mimi morre, Rodolfo a abraça e chora desconsolado.

Acaba de forjar-se com Mimi uma gloriosa expectativa de saúde e vida feliz, sem ciumes nem desavenças! Rodolfo chora e Musseta de joelhos junto ao leito, resa.

— Saborosa e picante mistura de ligeireza estudantil, poético amor e belas lagrimas!

Uma lei e um amor

“Bendito o que semeia
Livros, livros a mão cheia
E manda o povo pensar...
.....

Quem cantou estas maravilhas, cantou também a história triste e dolorosa de uma jovem que desrespeitou as leis do sertão; leis que eram mantidas por homens sensatos e senhores de muitas terras. Para eles, a morte seria um prazer se tivessem de ultrajar aquêlê código de honra.

Esta lei não teve autor, pois ela é contemporânea do homem.

E quando um forasteiro tenta infringir esta norma, o sertanejo não come, não dorme, não conversa, não chora e não ri. Pede e quer vingança: Uma pena de Talião.

Pois bem, minha moça, uma filha do Sertão, jovem e bonita como você, um dia rasgou este código e o atirou no rosto dos juizes, sem temer as consequências. Não temeu porque na sua beleza invulgar tinha o reflexo da sua origem sertaneja.

Enfrentou todos obstáculos, de cabeça erguida e peito aberto. Pois dentro daquela cabeça havia um pensamento fixo em alguém, como dentro do peito havia um coração que amava. Então, moça, vendo ela, que o seu grande amor seria impraticável, pelos meios legais, entregou sua carne e sua vida a um homem: Um homem casado.

Pórcia era o seu nome
O dele, Leolino.

Desde este dia, Porcia e Leolino, foram para o Sertão baiano, uma calamidade que trouxe sangue, derramado pelo chão e rubor nas faces lindas de outras jovens. Um rapaz falar estes nomes em presença de senhoritas, era jogar no lodo a sua reputação de cavalheiro, era um desrespeitador.

Qual o motivo de tudo isto? Você há de me perguntar. E eu lhe responderei:

Porcia em troca de um beijo, perdeu a sua virgindade e o carinho de seus pais. Foi dar expansão ao seu amor, no tronco da serra, no meio da mata, onde construíram o seu ninho de amor e lágrimas. Apesar deste ninho não possuir os enfeites de a que Pórcia era acostumado, possuía aquêlê a quem ela amou. E Pórcia, só abandonou o seu rancho, quando a morte veio busca-la, levando também o fruto do amor mais ousado daqueles tempos. Pois Pórcia, nêga, foi assassinada pelo seu pai, juiz do sertão, impedindo assim que ela manchasse mais o nome da família.

Morreu Pórcia.

Morreu o amor de Leolino.

E a história continua rodada de lendas, mistérios e raivas.

Então, nêga moça, neste ambiente de sangue e vingança, nasceu Leceu.

— Leceu?... Quem é?

— É aquêlê que morreu na flor da idade, deixando-nos atônitos com as suas inspirações.

Que pregou a liberdade.
Que gritou em favor dos escravos.
Que entre muitas disse:

“A praça, a praça é do povo
Como o céu é do condor”.

E' êle, moça, que nos conta através dos seus versos, a história triste e dolorosa de Pórcia Silva Casiro, sua tia.

Leceu é Castro Alves, minha santa Moça

.....
“E o livro caindo n'alma,
E' germem que faz a palma,
E' chuva que faz o mar”...

THAGOFÁ

SOCIAIS

FESTA DO CALOURO

Teve lugar na ESAV, no sabado p. passado a tradicional festa do calouro.

Como de costume, iniciou-se com a Marcha Nico Lopes que, apesar de apresentar algo interessante, foi, de modo geral, mais fraca que as anteriores.

Não fugindo a tradição, a noite, fez-se realizar o baile. As 24 horas os calouros foram introduzidos no salão; neste momento, tivemos a oportunidade de ouvir as palavras de Moacir Torres em nome dos mesmos e de Bento M. Lobo orador do DA.

Ouviu-se a valsa e a seguir os novos veteranos atravessaram o arco do mutação. Fomos neste dia festivo, homenageados com a presença de gentis srts. de cidades vizinhas e de nossa querida sociedade viçosense.

ANIVERSARIANTES

FIZERAM ANOS:

Dia 1 — Pedro Miranda Damaceno.

Dia 4 — Srta. Gloria Santana Souza.

Dia 4 — Ney A. Almeida S-3.
< 4 — Exma. Snra. Paulina Melo e Maria Lygia filha do snr. João da Costa Dias, comerciante nesta praça.

Dia 7 — Eunice J. Gomes da sociedade viçosense.

Dia 13 — Prof. Alexis Doroffeff, chefe do Departamento de Solos e Adubos. Nesse mesmo dia, Dr. Milton Bandeira, chefe do Serviço de Saúde da ESAV e a Srta. Marília de Freitas.

Dia 14 — Teresa Ferraz, da sociedade Viçosense.

Dia 16 — Dr. Alexandre de Alencar D. D. Diretor do Colégio de Viçosa.

Dia 17 — Prof. José Rodolfo Torres, do Departamento de Zootecnia.

Dia 19 — Thales G. Fausto M-3. Manoel H. Campos M-3.

Dia 21 — Moacir Teixeira M-3.

Dia 22 — Srta. Dalva Bittencourt

Aos aniversariantes, esta folha apresenta os sinceros votos de felicidade.

DUAS TRAGÉDIAS

(Conclusão da 1ª. página)

A desigualdade social, o ambiente de intranquilidade e os privilégios dos ricos, não serão por muito tempo tolerados pela classe operária, que almeja sofregamente por melhores dias; pois, a vida torna-se cada dia mais hostil para aqueles que labutam de sol a sol, para obterem uma recompensa módica.

Que os panegiristas do regime atual se acautelem; pois, quando a Fome e a miséria acompanhado da morte, baterem à porta do trabalhador, não serão recebidos com braços abertos.

De novo, a união se fará de norte a sul, de leste a oeste; e não serão com palavras confortadoras, carinhosas e promessas que se tranquilizará a massa exaltada.

Para tão imensa tragédia só restará uma solução: modificação do regime político-social mesmo que violenta, para um regime político-social que satisfaça plenamente à massa obreira.

Então o sol obscurecido pelo fragor das disputas terrestres, voltará de novo a brilhar.

ESTÓICO

A BIBLIOTECA

(Por Newton Cangussú)

FUTRICA

A Bibliotéca é a luz do saber. Ela é para o homem que sabe estudar, um raríssimo tesouro com mágicas fulgoreências. Nela, toda a beleza universal, cósmica e eterna se confunde. Tôdas as deslumbrantes esmeraldas verdes dos bandeirantes da inteligência, todos os milagres maravilhosos do mundo intelectual, tudo auri-flama nêsse lucifugente constelário de joias raras, inofuscáveis e eviternas, como as concepções saídas do firmamento. A verdadeira Bibliotéca, permita-me a Hipérbole, é um templo sagrado no Infinito, do qual ressoam as palavras carinhosas dos sacerdotes do saber, dos grandes gênios, pregadores do pensamento, que transpõem o pináculo dos milênios!

Residem nela, tôdas as verdades científicas, filosóficas, religiosas, morais, políticas e sociais. E ainda, todos os dogmas indestrutíveis, e tudo que canta ou chora a vida da humanidade.

Compulsando a Bibliotéca, conversaremos com os espíritos culminantes de todos os séculos, tôdas as criações do milagroso engenho humano, todos os encantamentos das misteriosas belezas, que a ciência sonda, a Arte reproduz, a Poesia canta e a Filosofia perscruta.

Compulsamos tôdas as odisséias, todos os lances bíblicos e históricos, tôdas as evoluções planetárias, todos os sonhos naufragados tôdas lutas homéricas, tôdas as manifestações espirituais, que traduz a ância da humanidade na cena única da evolução.

Sim, nos livros está a humanidade, está tudo que palpita entre as cintilações esmeraldinas das paisagens e os sorrisos auríficos das estrelas. Eles são os nossos melhores companheiros, em qualquer das múltiplas circunstâncias da vida.

Pelo livro, interpretamos as déiaias e as belas paisagens da existência. Sondamos os mistérios recônditos do coração e as multiplas variedades de espíritos. Pelos livros sentimos tudo que é bom e mau, tateamos com o espírito, tôdas as consteladas joias engastadas por vibrante plêiade de grandes sábios, que de geração a geração já sondaram até a gravitação dos astros nos mistérios altíssimos da imensidade.

São os livros meríficos farvís alumbrantes que nos guíam, nautas que somos no Oceano tempestuoso da existência.

Esavianos, aperfeiçemoos os nossos espíritos com o contato dos livros; procuremos a nutri-los por tão brilhantes e meigos ensinamentos, que de instante a instante despejam sôbre nós, implantando em nossos cérebros as sementes mimosas do saber.